



A intenção dos moradores era resistir e para isso fizeram barricadas. Mas depois de uma conversa com um comandante da PM, o pastor que lidera a invasão acatou a retirada

Mais uma invasão é retirada

De início os invasores da QR 519, em Samambaia, puseram fogo em móveis e madeira, mas saíram pacificamente

Clarissa Lima
Da equipe do Correio

Os invasores estavam dispostos a tudo pela manutenção dos barracos. Interditaram a pista com barricadas de fogo, gritaram, ameaçaram. A polícia também preparou o seu arsenal: 350 homens do Batalhão de Operações Especiais, Corpo de Bombeiros e 11º Batalhão de Polícia Militar (BPM), além dos funcionários da Administração Regional e SivSolo com uma frota de caminhões e tratores. Tudo pronto para uma retirada que prometia ser violenta, mas teve um desfecho pacífico.

O alvo eram os 400 barracos na invasão da QR 519, em Samambaia. Às 9h, um grupo de invasores interditou as duas vias da BR-060, com móveis e restos de madeira. O líder, pastor Geraldo Soares, avisava: "Vamos resistir, queremos nossa moradia. Não fomos notificados de nenhuma retirada". Ao morador ao lado, que ameaçava atingir com um martelo quem o agredisse, ele garantiu: "Tem advo-

gado para soltar todo mundo que for preso".

Logo no início da manhã, as informações eram de que os invasores teriam saqueado um caminhão, que passou pelo local, carregado de papel higiênico. A polícia não confirmava o saque. A partir das 9h30, a Polícia Rodoviária Federal fechou a rodovia com barreiras na altura dos quilômetros três e nove. O trânsito foi desviado pelas avenidas internas de Samambaia. En-

quanto isso, os invasores alimentavam o piquete no asfalto com sofás e camas, que serviam de combustível para o fogo.

Às 10h30, o comandante do 2º Comando Regional de Policiamento, coronel Francisco Dal Molin, e o comandante do 11º BPM, tenente-coronel Francisco Maia, chegaram ao local para a negociação. No mesmo instante, três carros do Corpo de Bombeiros — para acabar o fogo na pista — e microônibus com policiais estacionam na área.

Foi quando o comando da PM se reuniu com o pastor Geraldo no meio da invasão, ao la-

do dos moradores. Tomaram um copo de café 'da paz' juntos (feito pelos próprios invasores) e confirmaram a retirada pacífica. "Depois deste gole (de café) a paz está selada", anunciou Dal Molin. "Sei que temos que sair. Estamos aqui para lutar por um local provisório cedido pelo governo", recuava o pastor, depois de outro gole do mesmo copo. Às 11h, começa a retirada.

Enquanto os barracos eram demolidos, representantes da PM e dos invasores se reuniam com a Administração Regional e o Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional do DF). Os invasores pediam um local para transferirem as famílias. O governo sugeria que o grupo formasse associações para participar, de forma legal, no plano habitacional do GDF. O Idhab já fez o cadastro de todas as famílias da área; e a Administração prometeu, ontem, ceder uma sala para o funcionamento da nova entidade.

BRIGA JUDICIAL

A retirada de um parte dos barracos na QR 519 é resultado de um processo de desapropriação da área, que pertence à Associação Comunitária Brasil 500 Anos, desde dezembro de 1998, segundo acordo com o Idhab. O local é destinado à construção de 28 residências,

na área destinada aos conjuntos 8 e 9 da respectiva quadra, onde estavam abrigados 200 barracos. Fora deste território, outras 200 famílias se amontoavam em área destinada a uma área verde. No final da tarde, invasores concordaram em retirar toda a invasão, inclusive a área fora do litígio, e aceitaram formar associações.

No último dia 08 de setembro, a juíza da 1ª Vara Cível Maria Leonor Leiko autorizou a desapropriação do local em caráter irreversível (sem direito a recurso). Os invasores tiveram um prazo de 20 dias para a desocupação pacífica.

O despacho judicial também determinava que a desapropriação deveria ser feita ontem, caso houvesse a resistência em permanecer no local. "Conseguimos uma vitória", comemora Rui Medeiros, presidente da Associação. Nos próximos dias, a entidade promete cercar o local e construir barracos provisórios, todos padronizados e pintados. Para iniciarem as obras, os novos moradores ainda têm que aguardar a liberação de alvará, pela Administração Regional.

Enquanto a polícia e os líderes dos invasores selavam o pacto, as equipes do SivSolo e da Administração começavam a retirada. Invasores correndo de um lado para outro. Arru-

mando caixas, quebrando telhas, levando os restos das suas casas. Caminhões com pá mecânica faziam a remoção dos entulhos.

Quem não tinha para onde levar o material encostou os móveis nas casas próximas à antiga invasão. "Vou ficar aqui mesmo. Não temos para onde ir", reclamava a dona-de-casa Marilene Araújo, 23 anos. Os filhos Carla, 5 anos, e o irmão Lucas, 2, ajudavam a mãe na hora de carregar as madeiras e restos de móveis.

A dona-de-casa Renata Basília, 21 anos, e seus dois filhos foram pegos de surpresa. "Não sabia da retirada. Nem sei para onde vou", dizia ela, enquanto olhava o vaivém de móveis ao seu redor. A Administração colocou caminhões à disposição dos invasores. Quem não tivesse abrigo poderia se alojar no Centro de Apoio Social (CAS).

Com medo de represália, alguns invasores prepararam a mudança antes da ação dos fiscais. O comerciante Francisco de Freitas, 27 anos, resolveu alugar uma casa, por R\$ 100,00, para abrigar a família. "Eles disseram que iriam passar o trator por cima da gente", conta ele, desempregado há dois anos e que ontem fazia aniversário. De longe, o filho Júnior, 5, observava da janela do antigo barraco o cenário de destruição. O promotor de vendas Paulo Henrique Lima, 32 anos, vai montar barraco nos fundos do lote de um amigo. "Até arranjar uma coisa melhor para meus dois filhos e a mulher", prometia.

